

CAVALEIRO MEDIEVAL: O REAL E O IDEAL EM SER CAVALEIRO¹

Nadja Marques de Fontes²

Shirley Daiana F. de Oliveira³

José Ernesto Pimentel Filho (orientador)⁴

É difícil pensar no cavaleiro e não associá-lo de imediato a figura de um homem perfeito que, montado em seu cavalo, portando sua espada, é capaz de dar sua vida para nos salvar. Quem, quando criança, nunca brincou ou sonhou em viver tal realidade? E que menina nunca se imaginou sendo salva por um cavaleiro?

Esta incorporação da figura do cavaleiro na mente das pessoas é ainda permanente, pois nos deparamos com histórias, filmes, desenhos animados e pinturas que propagam a imagem do cavaleiro medieval em sua interpretação mais comum e tradicional: do indivíduo bondoso, forte, dotado de sentimentos nobres, defensor dos fracos, homem cristão e honrado. Tais atribuições – que nos foram passadas ao longo do tempo – configuram este ideal em ser um verdadeiro cavaleiro medieval. Afinal, sabemos que o cavaleiro se insere em uma sociedade a qual tais características se incorporavam naturalmente, mediante sua realidade de lutas e guerras. Sendo assim, tal situação contribui para a formação de um senso comum idealizado sobre a figura do cavaleiro.

Percebendo essa visível incorporação da imagem idealizada do cavaleiro em nossa cultura, sentimos a necessidade de estudar o motivo desta inserção, pois a sociedade sempre teve a necessidade de inseri-lo cada vez mais ao nosso cotidiano.

Por tal motivo, entender essa construção ideológica sobre este personagem – propagada até os dias atuais - é fundamental. Para tanto, devemos compreender quais os recursos que são utilizados para auxiliar na manutenção e na propagação da sua imagem na mente, seja de adultos ou crianças, mantendo assim sempre viva este ideal em torno deste personagem.

A análise que faremos a respeito do cavaleiro é justamente essa, de buscar entender a idealização que é feita em torno de sua figura, pois é importante deixar claro todo o idealismo que rodeia esta figura do cavaleiro medieval, fruto de uma realidade violenta, mas que se insere como sendo agente provedor da paz, da lealdade, da segurança e da bondade entre as pessoas. Sendo assim temos a primeira contradição. Como alguém que

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Cultural”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006.

² Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba.

³ Graduanda em História pela Universidade Federal da Paraíba.

⁴ Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo. Professor Adjunto do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba.

vivência e prática a violência pode atrair à sua imagem tais características? Não haveria, então, uma contradição e descaracterização em torno de sua figura? E não seria essa contradição uma maneira de criar uma imagem positiva capaz de conquistar as pessoas, fazendo como que a sociedade passasse a respeitar o cavaleiro de forma diferente, esquecendo da realidade a qual ele faz parte?

A meta desse trabalho é, portanto, analisar como este idealismo descaracteriza toda a realidade que envolve o cavaleiro, fornecendo assim subsídios para evidenciar que existe uma contraposição entre o ideal e o real em ser um cavaleiro. Assim, desvelando a verdadeira função que o cavaleiro exerceu na sociedade é que iremos compreender melhor a necessidade de se criar esse idealismo a seu respeito.

No entanto, para iniciar este estudo, temos que entender como este cavaleiro – antes, um homem simples - conseguiu chegar a um grupo de tanto prestígio.

O cavaleiro medieval se originou de um segmento social formado por guerreiros que viviam sob proteção de um *senhor* – que poderia ser um conde, um barão, um rei ou mesmo uma instituição. Esses guerreiros (de origens nobres e, principalmente, servis), ao contrário da nobreza hegemônica, não possuíam brasão e muito menos usufruíam de plena liberdade. No entanto, aos poucos, foram se tornando grandes aristocratas - através dos “benefícios” recebidos em forma de feudos pelos trabalhos militares que prestavam aos senhores feudais - os quais passaram mais tarde a serem reconhecidos e condecorados pelo título de *cavaleiros*.

Essa classe foi lentamente crescendo em número e se fortalecendo financeiramente, ao passo que o grupo dos nobres, por volta do ano de 1200, ia se desestabilizando e se enfraquecendo lentamente ‘pelo fracionamento das heranças, pela concorrência do príncipe que disputava com eles o poder banal, pela libertação das comunidades rurais, pela diminuição das rendas senhoriais’⁵. Como resultado disso, poucas linhagens nobres conseguiram manter seus patrimônios até o século seguinte (séc. XIII).

Já a nova classe dos cavaleiros seguiu um rumo bem diferente do restrito grupo dos nobres. Estes novos ricos foram afirmando seus prestígios e detendo os mesmos atributos de poderes e liberdade pessoal que só a “nobreza de sangue” ostentava nessa época. Assim foram se distinguindo dentro de uma classe de cavaleiros em que os nobres não armados cavaleiros tiveram de se contentar em ficar a baixo destes ou então - em últimos apuros - se tornarem cavaleiros para se equipararem aos mesmos.

Logo, o prestígio conquistado por essa nova classe emergente do período medieval foi se tornando hereditário e os seus descendentes, mesmo que não portassem armas, puderam usufruir tanto da liberdade pessoal com da liberdade dos altos fiscos cobrados à classe servil. Desta maneira a classe dos cavaleiros conseguiu ingressar para o cenário da

verdadeira nobreza e aqueles nobres, de velha estirpe, que lutaram por muito tempo para manter seu sangue puro foram, aos poucos, obrigados a se misturarem através de alianças matrimoniais com a classe cavaleiresca - estendendo definitivamente à esta última o título de nobre - para se manterem no prestígio da aristocracia. Desta maneira foram lentamente definindo uma nova e única classe privilegiada em que seus membros passaram a ser denominados de *fidalgos*.

Essa nova classe, constituída pela fusão da velha nobreza com os cavaleiros (no séc. XIV), era amplamente aberta e para se introduzir na mesma bastava que qualquer homem enriquecido, por quaisquer meios, se submetesse formalmente à cerimônia de investidura de cavaleiro.

Essa cerimônia de investidura era uma espécie de contrato, entre um indivíduo e o grupo pertencente à classe cavaleiresca, que tinha o objetivo único e exclusivo de armar e consagrar um cavaleiro e de lhe abrir as portas para um novo estado jurídico, o de cavaleiro. Assim, ela se caracterizava por um ritual em que o futuro cavaleiro (fosse um nobre ou um recém-enriquecido) colocava a sua armadura e recebia das mãos de um cavaleiro já experiente a espada, que seria daí por diante instrumento e símbolo do seu trabalho.

Assim, o cavaleiro antes de receber seu título não passava de um simples guerreiro, porém, sua imagem é modificada no momento em que recebe esse título, uma vez que passa a fazer parte desta “comunidade cavaleiresca” e da nobreza, tornando-se um cavaleiro que incorpora à sua imagem todo um ideal de nobreza, valentia e lealdade, sendo essa, a chave para compreender como se dá esse processo de construção de sua imagem: fruto deste ritual de passagem.

Com o título o cavaleiro passa a assumir destaque na sociedade, pois a sua imagem passa a ser associada a um idealismo que dá suporte a um cavaleiro o qual não representa a realidade a qual continua incorporado.

Então, este ideal de cavaleiro se estabelece no momento que os filhos dos nobres passam a fazer parte deste universo, sendo necessário elaborar algo que passe credibilidade em participar desta posição. Neste momento, tanto a história como a literatura serão importantes para perpetuar essa imagem de homem bom, valente e salvador. Para isso, construiu-se os contos e poesias sobre cavaleiros exaltando sua coragem; canções e contos idealizando o seu amor à uma donzela. Tudo isso, portanto, servindo para respaldar e perpetuar a imagem do cavaleiro como o homem ideal e virtuoso.

Entretanto, mesmo com toda essa idealização, o cavaleiro não deixa de participar de guerras sangrentas e torneios que incorporam a violência, afinal essa era a realidade a qual estava inserido. O idealismo vai servir, então, para justificar a sua participação em tais

⁵ G. Duby. A Sociedade Cavaleiresca. Cap. I, p. 04.

eventos; nos torneios a sua coragem e nas guerras a sua imagem de salvador e perpetuador da paz.

Percebemos, portanto, que há uma criação simbólica e idealizada para mascarar a realidade do cavaleiro, uma vez que suas verdadeiras ações não lhe permitiam isso. Não se visualiza nesse ideal a realidade do cavaleiro, pois o ideal serve de suporte para justificar suas ações. O ideal vai, então, servir para perpetuar o imaginário que valorize sua boa imagem, mesmo contrária ao real.

O cavaleiro real busca aventuras, status, a vitória nos torneios e atua nas guerras as quais deixam claro que o mesmo promove a violência, pois, independente da justificativa para guerra a luta por si só fornece todo um universo de violência e agressão ao ser humano, coisa que não deveria ser feita pelo cavaleiro uma vez que o mesmo teria a função de proteger as pessoas.

Sendo assim, o ideal do cavaleiro vai encontrar como barreira uma realidade que descaracteriza todos os adjetivos que são incorporados à sua figura. Mas, apesar desta distinção entre o ideal e real, a imagem que temos do cavaleiro só insere seus pré-requisitos positivos.

Esse imaginário foi sendo perpetuado para as gerações seguintes com o auxílio dos contos e história sobre cavaleiro como “O rei Artur e os cavaleiros da Távora Redonda” e “Coração Valente”. Romances como o de Alexandre e Lancelot, que mostram a figura do cavaleiro leal e perpetuador da paz. Temos ainda o auxílio dos contos de fada, que são instrumentos importantes nesta manutenção da imagem do cavaleiro.

Deste cedo, submetemos as crianças a idealizar esse cavaleiro, através de recursos recurso como os contos de fada: “Branca de Neve e os Sete Anões”, “Cinderela”, “A Bela Adormecida”, “Rapunzel”. Tais recursos sempre inserem a figura do cavaleiro que vem de longe para salvar a donzela, destruir o mal e assim perpetuar a paz. O cavaleiro nestes contos submete a criança a visualizá-lo como o homem bom, corajoso, repleto de amor e provedor da paz.

Essas bases fornecem às pessoas a idéia que o cavaleiro sempre assumiu essa característica, nunca se envolvendo em situação que fira sua integridade moral, até porque toda associação que é feita do cavaleiro nos remete a essa idealização.

Não são, portanto, apenas os contos “clássicos” que oferecem esse pensamento, atualmente vários desenho e filmes fazem essa leitura do cavaleiro. Talvez sempre seja essa a leitura feita, até porque existe a necessidade do homem de buscar a figura de alguém que incorpore todo um universo de sentimento, e o cavaleiro tem essa função.

Assim, através deste trabalho analisaremos que o idealismo do cavaleiro se apresenta nos limites entre seu ideal e real. O cavaleiro bom, leal, respeitador e propagador da paz nada mais é que um personagem idealizado para camuflar e melhorar a imagem do verdadeiro

cavaleiro medieval, encontrando, para isso, todo um respaldo histórico e literário para construir sua imagem, servindo para levar à sociedade posteriori essa imagem de um homem bom, cristão e com sentimentos nobre, provocando sempre nas pessoas a construção da falsa imagem do cavaleiro e homem ideal.

Referências bibliográficas:

BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edição 70, 1987;

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980;

CALVINO, Ítalo. **O Cavaleiro Inexistente**. São Paulo: Cia das Letras, 2005. Trad. Nilson Moulin.

DUBY, Georges. **A Sociedade Cavaleiresca**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Trad. Antônio de Pádua Danesi. (Coleção: O Homem e a História);

ELIAS, Nibert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

REZENDE, Filho, Cyro de Barros. **Guerra e Poder na Sociedade Feudal**. São Paulo: Ática, 1995.